

Ciência

ciencia@jb.com.br

Fibra de coco passa de lixo a luxo

Comunidade, academia e empresa automobilística se unem em projeto de desenvolvimento sustentável na Amazônia

Fotos de Márcia Moreira

SÔNIA BEATRIZ DE BARROS (*)

BELÉM – Desenvolvimento sustentável é um poema de rima simples: comunidade, academia e indústria. Neste tripé repousa o projeto de aproveitamento da fibra de coco para a confecção de produtos usados pela indústria automobilística, que culminou com a inauguração, semana passada, da Poematec Ltda, em Ananindeu, no Pará. Entre o coqueiral de Praia Grande, na Ponta de Pedras, um dos 12 municípios da Ilha de Marajó (PA), ao galpão de 3.000 m² na sede do distrito industrial de Belém, o trajeto é bem mais longo que as quatro horas de barco e uma hora de caminhão fazem crer.

Envolve toda uma política de renovação de fontes sustentáveis, princípios básicos de tecnologia adaptada, reflorestamento de regiões degradadas, fim da monocultura e da queimada, substituição de polímeros e reciclagem, somada à melhora da qualidade de vida, oportunidade de acesso a energia e renda maior. O caminho é até simples: passa pela universidade, por uma organização não-governamental, pelo governo e, no ponto final, uma empresa multinacional. Uma fornece a tecnologia; a segunda, os meios; e a última representa a garantia de mercado.

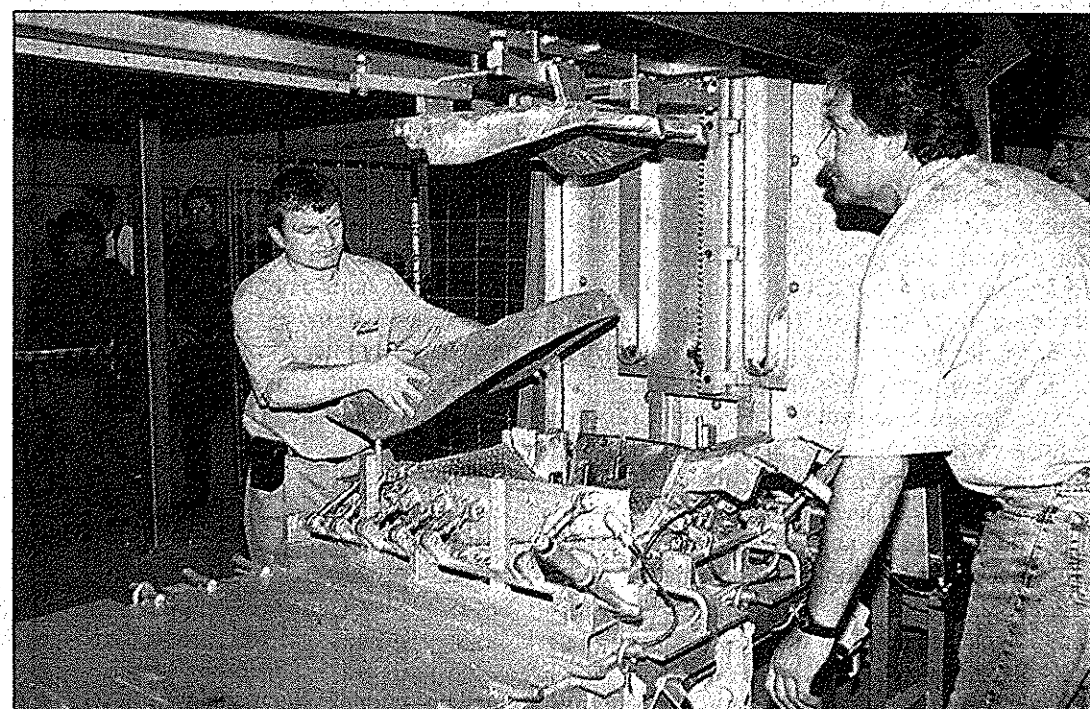
No processo, o que era lixo (a casca do coco) virou luxo (bancos e equipamentos para carros e caminhões). Como subprodutos, água potável, energia elétrica, aumento de renda (de meio para quatro salários), assistência agrícola, treinamento na Escola Agrotécnica Federal do Castanhal. O coco, que com cinco meses de vida fornece a água hidratante e saudável, mais amadurecido (12 meses) é imerso em água para que as fibras da casca, que tem cerca de 5 centímetros de espessura, se soltem. Submetida a um processo de esmagamento, a fibra vira um emaranhado de fios. Estes são então encordoados em rolos grossos e levados para um autoclave que separa as fibras mais curtas, aproveitadas no laminado para calçados. O que resta vira adubo.

As fibras longas são levadas para grandes bandejas, espalhadas em mantas e secas, um lado de cada vez. Depois recebem uma aplicação de borracha natural e vão para a estufa. O processo de secagem dura 10 minutos. A manta vai então para o corte em placas. O que sobra é reaproveitado para a confecção de novas mantas. Depois é só colocar no molde, aparar, e o pára-sol ou o encosto de cabeça toma forma para ser lixado. Das aparas, são feitos vasos e xaxins.

O processo artesanal é praticado na ProAmazon, que produz 1.000 pára-sois e 4.000 encostos de cabeça por mês. Na Promatec, máquinas importadas vão moldar 4.200 bancos para o Classe A, fabricado em Juiz de Fora (MG). O custo, abaixo do de peças feitas de poliuretano, compensa o frete até o Sul. Tanto que outras montadoras estão interessadas.



A estação de purificação de água (E) foi a isca utilizada para atrair a comunidade para o projeto de aproveitamento da fibra de casca do coco



Na própria comunidade, a casca do coco é amolecida até que as fibras fiquem soltas (E). Na fábrica, a máquina molda as mantas em bancos

(*) A repórter viajou a convite da DaimlerChrysler

Ecologicamente correto

Henrique, 37 anos, casado, três filhos. Nasceu e mora na Praia Grande, comunidade de Ponta das Pedras, na Ilha de Marajó. Há 10 anos, Henrique ouviu dizer que na Universidade Federal do Pará tinha algo chamado Poema (sigla de Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia), projeto voltado para a regeneração da natureza, e pediu ajuda para melhorar de vida.

O Poema propunha instalar na comunidade uma estação de purificação da água do rio. Ecologicamente correta, ela agrupa um moinho de vento, placas solares, um gerador a diesel e uma prática saudável: tratar a água amarronzada do Amazonas com sal de cozinha e fornecer energia elétrica para a comunidade. Naquela época, Henrique nem sabia o que era desenvolvimento sustentável. O que queria era ver os filhos saudáveis e uma oportunidade de melhorar de vida. A coleta do coco e do açaí, vendida a um atravessador, rendia só meio salário; a de camarão, nos meses sem chuva, pouco mais.

Foi quando Henrique conheceu Willie Hoss, então deputado do Partido Verde da Alemanha e entusiasta da estação de purificação que serviu

de isca para conquistar os ilhéus para o projeto, e Thomas Mitschein, professor da UFPA e diretor do Poema. A dupla, na época, tratava com a Daimler-Benz (hoje, DaimlerChrysler) a busca de métodos de processar produtos naturais com tecnologia adaptada e a utilização dessas matérias primas na produção. Em 1995, terminou a primeira fase do projeto, que custou US\$ 1 milhão, além de pesquisas na Alemanha.

A vida de Henrique mudou. Já não se tratava só de apanhar coco. As 22 famílias da Praia Grande começaram ali mesmo na ilha a beneficiar artesanalmente a fibra, retirada da casca por imersão em água e trançada. A produção vai para a ProAmazon, pequena fábrica em Ponta das Pedras (um gerente, dez empregados, salário médio de R\$ 280, hoje), onde, a fibra mesclada com borracha natural é moldada em pára-sois e encostos para cabeça.

Hoje, além de fibra de coco, que tem vida útil de 90 anos, contém um fungicida natural (tanino), é reciclável e biodegradável, a comunidade, ampliada para 33 famílias, também planta limão, mandioca e pupunha.



Ex-sindicalista e deputado verde Willie Hoss, o incentivador